

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

RAQUEL DE OLIVEIRA MARTINS

A INCLUSÃO DOS INDIVÍDUOS COM TRANSTORNO NEURODIVERGENTE NA
BIBLIOTECA ESCOLAR

Rio de Janeiro

2023

RAQUEL DE OLIVEIRA MARTINS

**A INCLUSÃO DOS INDIVÍDUOS COM TRANSTORNO NEURODIVERGENTE NA
BIBLIOTECA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

Orientadora: Prof^a. M^a. Lúcia Maria da Cruz Fidalgo

Rio de Janeiro

2023

Ficha catalográfica

M386i Martins, Raquel de Oliveira

A inclusão dos indivíduos com transtorno neurodivergente na biblioteca escolar / Raquel de Oliveira Martins. – Rio de Janeiro, 2023.

34 f.

Orientadora: Lúcia Maria da Cruz Fidalgo

Projeto Final (Graduação em Biblioteconomia) – Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro

1. Biblioteconomia – Biblioteca escolar. 2. Inclusão na educação. 3. Pessoa portadora de deficiência. 4. Mediação de leitura.
I. Fidalgo, Lúcia Maria. II. Título.

CDD 020

RAQUEL DE OLIVEIRA MARTINS

**A INCLUSÃO DOS INDIVÍDUOS COM TRANSTORNO NEURODIVERGENTE NA
BIBLIOTECA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

Rio de Janeiro, 10 de Julho de 2023

Prof^a. M^a. Lúcia Maria da Cruz Fidalgo

Prof^a. Dr^a. Carla Beatriz Marques Felipe

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Sousa de Oliveira Barbosa

Dedico este trabalho à minha mãe e pai, meu irmão, minha avó e avô, às minhas amigas e amigos por estarem me apoiando sempre. Ao Arthur, Heitor, Theo, Pedro e Giovana que me ensinaram e ainda ensinam muito mais do que eu ensino a eles na igreja e, aos professores que ajudaram para que essa jornada fosse mais tranquila.

AGRADECIMENTO

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus por sempre me conceder sabedoria e paz de espírito. Agradeço a professora e orientadora Lúcia Fidalgo que desde o primeiro período me inspirou a aprender sempre mais sobre biblioteca escolar, por compartilhar seu conhecimento e pelas lindas histórias que sempre esteve disposta a contar. Agradeço a minha família que sempre esteve comigo, me apoiando, amando e fortalecendo. Agradeço as minhas amigas que sempre me alegraram e oraram por mim. E por fim agradeço as minhas colegas que encontrei durante a graduação e que sempre seguraram minhas mãos.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 1.1 Justificativa..... | 12 |
| 1.2 Objetivo..... | 13 |
| 1.2.1 Objetivo geral..... | 13 |
| 1.2.2 Objetivo específico..... | 13 |
| 2 BIBLIOTECA ESCOLAR | 15 |
| 2.1 Bibliotecário escolar..... | 17 |
| 3 EDUCAÇÃO ESCOLAR INCLUSIVA | 19 |
| 4 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA | 22 |
| 5 TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE | 25 |
| 6 METODOLOGIA DE PESQUISA | 27 |
| 6.1 Campo de pesquisa..... | 28 |
| 6.2 Técnica de coleta de dados..... | 28 |
| 7 DESAFIOS DA INCLUSÃO NA BIBLIOTECA ESCOLAR | 30 |
| 7.1 Mediação de leitura como método de inclusão..... | 30 |
| 8 CONCLUSÃO | 31 |
| REFERÊNCIAS | 33 |

RESUMO

O presente trabalho representa uma pesquisa teórica e documental sobre os desafios referentes a inclusão no âmbito da biblioteca escolar. Os conceitos da biblioteca escolar, das pessoas portadoras de deficiência e da inclusão são debatidos para oferecer maior embasamento na discussão acerca da importância de combater as dificuldades quanto a inserção dos alunos no âmbito da biblioteca. Deste modo, pretende-se através do estudo de materiais bibliográficos entender a realidade da biblioteca escolar. Como resultado foi possível perceber que a inclusão de sistemas educacionais mais flexíveis e adaptativos contribui para o sucesso educacional e a inclusão. Também é possível compreender as nuances pertinentes ao Transtorno de Espectro Autista (TEA) assim como do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) que acompanham os indivíduos desde o nascimento, proporcionando desafios quanto a aprendizado e interação social. A partir dessas constatações foi possível compreender que a mediação de leitura, feita pelo bibliotecário que é um agente educador, pode proporcionar para as crianças e adolescentes acometidas pela TEA e o TDAH estímulos que lhes instiga a terem atitudes mais expressivas e criativas, além de ultrapassarem os limites que o espectro e o transtorno lhes causam, além de quebrar barreiras impostas pelo preconceito da sociedade.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Inclusão na educação. Mediação de leitura. Pessoa portadora de deficiência.

ABSTRACT

The present project represents a theoretical and documentary research on the challenges related to inclusion within the school library. The concepts of the school library, people with disabilities and inclusion are discussed to provide greater basis in the discussion about the importance difficulties in the insertion of pupils within the library. Thus, it is intended through the study of bibliographic materials to understand the reality of the school library. As a result, it was possible to realize that the inclusion of more flexible and adaptive educational systems contributes to educational success and inclusion. It is also possible to understand the nuances pertinent to Autism Spectrum Disorder (ASD) as well as Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) that accompany individuals from birth, providing challenges regarding learning and social interaction. From these findings it was possible to understand that reading mediation, made by the librarian who is an educating agent, can provide children and adolescents affected by ASD and ADHD with incentives that encourage them to have more expressive and creative attitudes, in addition to overcoming the limits that spectrum and disorder cause them, in addition to breaking barriers imposed by the prejudice of society.

Key-words: School library. Inclusion in education. Reading mediation. Disabled person.

1 INTRODUÇÃO

A biblioteca escolar é, por muitas vezes, o primeiro local com o qual uma criança ou adolescente têm a oportunidade de entrar em contato com todos os tipos de suportes de informação, desde o mais comum ao mais incomum para a realidade com a qual ela convive. Por isso, o aprofundamento do estudo voltado para esse nicho dentro da Biblioteconomia é de suma importância, tal como o estudo e aprofundamento do papel do bibliotecário escolar que pode ser visto como um agente educador, afinal, segundo Silva e Bortolin (2006, p. 48), educar significa dar condições para que a pessoa possa se transformar em um cidadão.

Corrêa (2002, p. 119) fomenta que “o educador deve possuir formação específica, através da qual adquira conhecimentos e habilidades para auxiliar o educando no seu desenvolvimento cultural e social, formando um indivíduo crítico e criativo, para melhor contribuir na evolução do meio em que vive”. Portanto, o bibliotecário escolar com seu conhecimento e habilidades pode transformar a biblioteca escolar em um ambiente no qual os usuários aprendem a de fato construir consciência do papel que desempenham na sociedade.

Com esse ponto em destaque, o bibliotecário escolar deve cultivar saberes que beneficiem a todos àqueles que quiserem utilizar a biblioteca e isso inclui pessoas com deficiência, afinal, elas participam e contribuem com a sociedade. Contudo, são necessários certos cuidados quanto ao modo que a inserção é feita, pois há detalhes que são importantes de serem levados em conta em cada caso. No que se refere as pessoas neurodivergentes, cujas transtornos são abordados nessa pesquisa, é crucial que o bibliotecário compreenda as necessidades quanto as dificuldades de foco e compreensão sobre as informações pertinentes ao ambiente e as atividades fornecidas tal como com a questão das habilidades de socialização desses indivíduos.

Para Santos e Diniz (2018, p. 96), o profissional da biblioteca deve buscar compreender as suas singularidades da situação e em conjunto com outros profissionais do sistema escolar, em atuação multidisciplinar, desenvolver ações para promoção da inclusão por meio do acesso à informação, que é denominado acessibilidade informacional.

Somente deste modo como elaborado no parágrafo à cima, não ocorrerá o isolamento dos usuários na biblioteca e será gerada e executada uma inclusão efetiva, tanto dos alunos quanto de outros funcionários da escola e até mesmo dos pais que compõem a comunidade na qual as crianças e adolescentes estão inseridos.

Desse modo, a mediação de leitura é apresentada como um método para ultrapassar os desafios que acompanham a interação das pessoas com Transtorno de Espectro Autista (TEA) e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) que são os transtornos neurodivergentes estudados e detalhados nesse trabalho.

A inclusão social através da leitura abre portas para trabalhar de inúmeras maneiras a competências informacional e a capacidade de transformação social tornando os cidadãos livres de qualquer opressão, como salientam Pontes e Carvalho (2019, p. 14).

Para guiar corretamente a análise de todos os conceitos desenvolvidos no presente trabalho, ele foi dividido em cinco seções.

A primeira é intitulada “**Biblioteca escolar**” na qual é analisado o que está por trás da existência da biblioteca escolar e a importância dela na escola. É estabelecido o serviço que pode ser realizado na biblioteca escolar e o público-alvo dela, considerando a comunidade na qual está inserida. Dentro dessa seção há uma subseção intitulada “**Bibliotecário escolar**” que trata justamente do profissional da informação bibliotecário e o modo como seu papel é desempenhando no ambiente educacional que é, primordialmente, voltado para as crianças, adolescentes e outros profissionais, além disso, é enfatizado o papel do bibliotecário como um agente educador.

Na segunda seção com o título “**Educação inclusiva**”, o leitor passa a ter um melhor embasamento sobre o que é a inclusão, no âmbito escolar, e como proporciona um impacto positivo na sociedade, desde a educação infantil na qual as crianças são incentivadas desde o início a explorarem o conhecimento e habilidade que possuem, além da compreensão delas de que são indivíduos que, apesar de qualquer limitação intelectual ou física, podem contribuir na sociedade em que estão inseridas.

A terceira e a quarta seção tratam de dois transtornos neurodivergentes, o **“Transtorno do Espectro Autista”** e o **“Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade”**, ambos os conceitos foram destrinchados de modo que o leitor pudesse compreender a origem principal dos transtornos; o modo como eles se manifestam; os efeitos que o ambiente e a interação social causam; os graus que cada transtorno apresenta e, também, os desafios proporcionados por eles.

Por fim, a quinta e última seção apresenta o título **“Desafios da inclusão na biblioteca escolar”** na qual foram apresentados com mais detalhes os desafios que surgem com a inclusão de indivíduos com TEA e TDAH no ambiente da biblioteca escolar, e em contrapartida a subseção **“Mediação de leitura como método de inclusão”** evidencia que é possível tornar a inclusão desses alunos, por mais difícil que seja, possível de modo que a biblioteca se torne um ambiente no qual eles consigam desenvolver as habilidades de compreensão e interação social.

1.1 JUSTIFICATIVA

A pesquisa visa aumentar o debate da inclusão e melhor desenvolvimento do bibliotecário como agente educador na biblioteca escolar, pois apesar de haver farta literatura com relação ao assunto principal, ainda é possível observar certo grau de deficiência desses tópicos dentro da Biblioteconomia que é uma área multidisciplinar, portanto é importante que haja constante inserção e prática dessas temáticas na área.

Além disso, outro motivo para a realização da pesquisa é auxiliar para o entendimento dos bibliotecários quanto a relação que desenvolvem com as crianças e adolescentes portadoras de transtornos neurodivergentes, de modo que haja uma interação mais saudável entre o profissional e os usuários da biblioteca. O papel do profissional da informação na inclusão educacional nas escolas é de suma importância e a pesquisa busca tratar esse assunto de modo claro e conciso.

Por fim, somando as duas justificativas já evidenciadas, a motivação pessoal da autora é a consciência de que esse primeiro contato das crianças

com a biblioteca escolar e com o bibliotecário pode trazer para elas tanto uma experiência positiva quanto negativa com relação a leitura considerando que devido ao modo como os transtornos neurodivergentes se manifestam, uma impressão errada no primeiro contato com os livros e outros suportes de informação pode ser decisivo na maneira em como esses indivíduos irão levar pelo restante de suas vidas o relacionamento com a leitura, seja ela relacionada aos estudos ou ao entretenimento. Este pensamento pode ser percebido no contato da autora com crianças que possuem tanto Transtorno de Espectro Autista quanto Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade cujas se sentiam desestimuladas a fazerem leitura ou sequer de ouvirem a mediação de histórias, pois tanto seu foco quanto seu gosto pela leitura eram prejudicados, o que a levou a compreender que a leitura e a mediação de leitura tinham sido apresentadas sem o devido estímulo e atenção que são necessários.

Logo, o que se procura evidenciar com essa pesquisa é a importância da conscientização dos profissionais de biblioteconomia a respeito da educação inclusiva e dos métodos de proporcionar a verdadeira inclusão na biblioteca escolar.

1.2 OBJETIVO

A seguir, o objetivo geral e o objetivo específico serão explicados para melhor compreensão do trabalho.

1.2.1 Objetivo Geral

O Objetivo Geral do trabalho é analisar os desafios que envolvem os indivíduos com transtornos neurodivergente na biblioteca escolar e como a mediação de leitura pode ser utilizada como método de inclusão.

1.2.2 Objetivo Específico

Os Objetivos Específicos são:

- a) Apresentar o bibliotecário escolar como um agente educador;

b) Destacar os desafios da inclusão na biblioteca escolar e comprovar que a mediação de leitura é uma ferramenta capaz de impactar de maneira positiva na inserção dos indivíduos neurodivergentes na biblioteca.

2 BIBLIOTECA ESCOLAR

A biblioteca é definida como um ambiente no qual o acesso à informação e a disseminação da cultura deve ser facilitado e constantemente incentivado pelo profissional da informação em prol da construção de conhecimento dos usuários. Barreto (2008) diz que:

a geração de conhecimento é uma reconstrução das estruturas mentais do indivíduo realizado através de sua competência cognitiva, ou seja, é uma modificação em seu estoque mental de saber acumulado, resultante de uma interação com uma forma de informação.

Dessa forma, é possível compreender que a biblioteca é o local adequado para que haja essa interação entre o indivíduo e as informações que ele busca. Como consequência das necessidades informacionais, tipos de biblioteca são definidos e a biblioteca escolar é um desses e devido ao ambiente no qual ela está, sua presença é importante, pois “a biblioteca escolar promove serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios” (MANIFESTO IFLA/UNESCO PARA BIBLIOTECA ESCOLAR, 1999, p.1).

Além disso, para que a biblioteca escolar possa de fato cumprir seu papel ela deve alcançar determinados objetivos que são estabelecidos com o intuito de que o ambiente sirva adequadamente para toda a comunidade na qual ela está inserida. Elaborados pela Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), os objetivos são:

- a) Apoiar e intensificar a consecução dos objetivos educacionais definidos na missão e no currículo da escola;
- b) Desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida;
- c) Oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento;

d) Apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes ou meios, incluindo a sensibilidade para utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos;

e) Prover acesso em nível local, regional, nacional e global aos recursos existentes e às oportunidades que expõem os aprendizes a diversas ideias, experiências e opiniões;

f) Organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade;

g) Trabalhar em conjunto com estudantes, professores, administradores e pais, para o alcance final da missão e objetivos da escola;

h) Proclamar o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia;

i) Promover leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar e ao seu derredor.

Sendo a biblioteca escolar uma instituição voltada ao atendimento da comunidade educacional na qual está inserida, deve atender a todas as diferentes necessidades informacionais considerando os diversos níveis de escolaridade de seus usuários. Por ser parte integrante do contexto pedagógico escolar, a biblioteca escolar também tem o dever de contribuir para a formação dos cidadãos (MARCOLINO; CASTRO FILHO, 2014, p. 6)

Como ressaltado por Marcolino e Castro Filho (2014), o espaço da biblioteca escolar, pode ser aproveitado para se criar atividades lúdicas, que trabalhem o desenvolvimento ético e a saúde mental de crianças e adolescentes. A biblioteca escolar, nesse sentido, atuará como ferramenta pedagógica auxiliando na inserção dos alunos à realidade global, mostrando-lhes através da literatura os fatos e transformações que vêm acontecendo na sociedade em que vivem, incentivando-lhes o desenvolvimento do pensamento críticos e a melhorar suas atuais condições por meio dos estudos.

Portanto, o projeto pedagógico da escola é algo com o qual a biblioteca escolar deve estar de acordo para haver uma cooperação significativa na verdadeira interação entre o bibliotecário e os estudantes, professores e outros integrantes que compõem a comunidade escolar.

2.1 Bibliotecário Escolar

Para que a biblioteca escolar exerça suas funções de forma adequada e eficiente, sabe-se da necessidade da permanência do profissional melhor habilitado e qualificado para sua gestão: o bibliotecário. Uma vez que a postura profissional é apontada como um dos fatores que contribuem para a letargia das bibliotecas escolares, torna-se necessário analisar mais detalhadamente as funções deste bibliotecário e suas ações dentro do processo do ensino escolar e as atividades exercidas por ele em relação ao contexto pedagógico que o cerca (CORRÊA; OLIVEIRA, 2002, p. 108-109).

Para Tavares (1973) o bibliotecário deve fornecer a informação rápida, encontrar o material adequado - ir ao encontro do que o aluno precisa e deseja, são tarefas do bibliotecário. Por isso ele necessita de uma boa comunicação com os estudantes, deve ser agradável, gostar de servir e ser criativo e responsável, porque do seu trabalho dependerá o resultado das pesquisas dos estudantes (apud CORRÊA; OLIVEIRA, 2002, p. 115).

De acordo com Marcolino e Castro (2014), com o avanço tecnológico, as crescentes produções e demandas da Sociedade da Informação vêm contribuindo para a evolução da profissão do bibliotecário. Aquele profissional tradicional que antes só realizava empréstimos e devoluções e organizava os livros na estante, agora é responsável por localizar informações, analisá-las e promover a disseminação delas.

Marcolino e Castro (2014) também enfatizam que além das habilidades e competências básicas exigidas pelo exercício da profissão, o bibliotecário desempenha uma função social que corresponde à prestação de serviços para a sociedade, visando conhecê-la, auxiliá-la em buscas e transformá-la por meio da disseminação do conhecimento, logo, o bibliotecário escolar deve estar a par

das necessidades referentes aos estudantes, pois os mesmos são o público alvo para o qual o profissional da informação trabalha em primazia.

Cabe ao bibliotecário procurar se aproximar desses usuários, para compreender suas necessidades reais e favorecer a troca de informações, pois além de ser um agente social responsável por servir a comunidade, ele também assume o papel de educador, ao contribuir com o desenvolvimento intelectual dos alunos. O uso e o desuso do acervo da biblioteca escolar são resultado do trabalho que esse profissional desempenha. Uma das principais formas de cativar os alunos é conhecê-los e saber o tipo de informação que mais lhes agrada (MARCOLINO; CASTRO, 2014, n.p.). Portanto, o bibliotecário escolar adquire um papel não apenas de gestor da unidade de informação como também de educador.

3 EDUCAÇÃO ESCOLAR INCLUSIVA

A educação escolar, desde a infantil ao ensino médio, e até mesmo a universitária, é um direito de todos que compõem a sociedade, portanto, ela é importante para a instrução das pessoas no que representa sua cidadania. Como exemplifica o Art. 205 da Constituição da República de 1988:

a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Dourado, Oliveira e Santos (2007, p. 7) em seu artigo sobre a qualidade da educação dizem que a educação é essencialmente uma prática social presente em diferentes espaços e momentos da produção da vida social. Nesse contexto, a educação escolar, objeto de políticas públicas, cumpre destacado papel nos processos formativos por meio dos diferentes níveis, ciclos e modalidades educativas; logo, se tratando de uma prática social presente em diversos espaços automaticamente ela abrange inúmeras pessoas em incontáveis situações, inclusive, de deficiência física ou neurológica.

Atentos a isso, Dourado, Oliveira e Santos (2007, pag. 7) abordam que tendo em vista a complexidade da temática, é fundamental problematizar e apreender quais são os principais conceitos e definições que embasam os estudos, as práticas e as políticas educativas, sobretudo nas últimas décadas, bem como as dimensões e os fatores que apontam para a construção de uma educação de qualidade para todos.

Ao constatar isso, é necessário lembrar que inúmeros alunos com dificuldades de aprendizagem podem ser considerados em situação de deficiência decorrente de condições sociais e econômicas adversas, bloqueadoras de seu pleno desenvolvimento, mesmo sem apresentarem perturbações no nível biológico como cegueira, surdez, retardo mental, paralisia cerebral, por exemplos (CARVALHO, 2011, p. 3).

Armstrong e Barton (2003) afirmam que os alunos que têm necessidades educativas especiais (...) são alunos que têm dificuldades de aprendizagem, muito ligeiras ou mais graves, no plano intelectual ou no domínio da escrita e da leitura. A maioria dos alunos tem insucesso nas aprendizagens básicas. Muitos

deles são jovens que têm perturbações afetivas ou do comportamento, mais ou menos graves, de origem diversa (apud CARDOSO, 2003, p. 19).

Pode dizer-se que inclusão é a palavra que hoje pretende definir igualdade, fraternidade, direitos humanos ou democracia (WILSON, 2000 apud SANCHES; TEODORO, 2006), conceitos que amamos, mas que não sabemos ou não queremos pôr em prática. A inclusão escolar teve as suas origens no centro das pessoas em situação de deficiência e insere-se nos grandes movimentos contra a exclusão social (AINSCOW; FERREIRA, 2003 apud SANCHES; TEODORO, 2006).

Uma educação escolar inclusiva possui características importantes como: Refletir a comunidade como um todo aonde seus membros são abertos, positivos e diversificados; de modo que não seleciona, não exclui e não rejeita; não tem barreiras e é acessível a todos, em termos físicos e educativos (currículo, apoio e métodos de comunicação) e não é competitiva. Ela pratica a democracia e a equidade (THOMAS; WALKER; WEBBER, 1998 apud SANCHES; TEODORO. 2006).

Também é necessário que haja adoção de medidas individuais e coletivas que proporcionem o desenvolvimento acadêmico e a socialização dos alunos com deficiência. Isso facilita a integração e, conseqüentemente, o aprendizado (MANTOAN; MARTINS, [201?]).

Ao haver facilitação na integração e no aprendizado, isso permite que toda criança coloque em prática as habilidades, interesses e necessidades que as fazem únicas; tal como lhes dá a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem e; também faz com que escolas regulares que possuam orientação inclusiva constituam os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando comunidades acolhedoras (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

As escolas, ao colocarem em prática a educação inclusiva, devem levar em conta determinadas mudanças que “não se relacionam exclusivamente à inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais. Elas fazem parte de uma reforma mais ampla da educação, necessária para o aprimoramento da qualidade e relevância da educação, e para a promoção de

níveis de rendimento escolar superiores por parte de todos os estudantes. A Declaração Mundial sobre Educação para Todos enfatizou a necessidade de uma abordagem centrada na criança objetivando a garantia de uma escolarização bem-sucedida para todas as crianças. A adoção de sistemas mais flexíveis e adaptativos, capazes de mais largamente levar em consideração as diferentes necessidades das crianças irá contribuir tanto para o sucesso educacional quanto para a inclusão” (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

4 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Em 1943, Leo Kanner descreveu o que conhecemos hoje por autistas moderados e severos, ao passo que em 1944, Hans Asperger descreveu os autistas que se enquadram no nível leve e com boa capacidade funcional, e assim sucessivamente outros se dedicaram a explicar a diversidade de apresentações do transtorno e suas possíveis causas. Devido a isso, em 1970, com a crescente publicação de artigos relacionados aos sintomas autísticos, os estudiosos passaram a dar maior credibilidade para o lado biológico (BRITES; BRITES, 2019, p. 17-18). Brites (2019) também apresenta o fato de em 1990 os estudos da neurociência avançaram e mostraram que os sintomas poderiam estar ligados a patologias como desarranjos do tecido cerebral.

Conforme os estudos foram avançados, se tornou possível elaborar uma ferramenta de avaliação diagnóstica como elabora Brites (2019, p. 18):

em paralelo, estudos clínicos e de observação evolutiva começaram a dar ampla base de informações que proporcionaram o desenvolvimento de testes, escalas e instrumentos de avaliação diagnóstica que passaram a auxiliar na detecção cada vez mais precoce dos sinais iniciais na infância e permitiram criar parâmetros mais seguros para profissionais suspeitarem e confirmarem a presença ou a ausência do autismo nas mais diferentes fases da vida, assim como embasar melhor abordagens para intervenção e analisar a resposta a elas.

Aos poucos, esses tipos, com evidentes padrões de comportamentos comuns em idades mais precoces, foram sendo agrupados num só conjunto de manifestações com graus e diferentes tonalidades de apresentação clínica: o transtorno do espectro autista ou TEA, como observado no DSM-5 (BRITES; BRITES, 2019, p. 19).

Em 2012, instituiu-se a Lei Nº 12.764 (BRASIL, 2012) que estabelece o Transtorno de Espectro Autista (TEA) como uma deficiência e essa lei também apresenta as características comuns do Transtorno de Espectro Autista, sendo uma das dessas características a ausência de reciprocidade social, portanto o autismo é compreendido como um estado ou uma condição, que parece estar recluso em si próprio (ONZI; GOMES, 2015, p. 189).

O TEA é considerado um transtorno que vai além da sua complexidade, distante de ser definido com exatidão, pois não existem meios pelos quais se

possa testá-lo, muito menos medi-lo (ONZI; GOMES, 2015, pg. 189). Oliveira e Sertié (2017) alegam que o TEA é considerado uma doença geneticamente heterogênea e complexa, já que apresenta diferentes padrões de herança e variantes genéticas causais. Usualmente, o diagnóstico de autismo é realizado por um neurologista, psiquiatra ou neuropediatra; contudo, havendo dúvidas sobre o diagnóstico, o profissional deve acessar a escala de avaliação e de triagem do autismo (ROSA, 2022, p. 214).

Em virtude do crescimento, o convívio social e as atividades educacionais exigem mais da criança, de maneira que os sintomas do autismo se tornam mais visíveis. Assim, ocorre não somente a intensificação de ações atípicas anteriores, mas também o surgimento de novas práticas. Algumas manifestações recorrentes são: irritação e descontrole sem necessidade; modificação da finalidade de brinquedos; atraso no desenvolvimento da linguagem; obstáculos na interação social; estereotípias, ou seja, movimentos repetitivos; criação de hábitos rotineiros; andar na ponta dos pés; alteração da ordem natural de aprendizado; agitação constante e dificuldade de atenção (FARIA, 2019, p. 34).

O DSM-5 apresenta um quadro clínico, que classifica os graus, também conhecidos como níveis de suporte, do Transtorno de Espectro Autista (MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS, 2014, pg. 52):

a) No nível 1, o indivíduo possui dificuldade para iniciar uma interação social com clareza e, por isso, pode parecer apresentar interesse reduzido nessas interações. Possui também dificuldade em trocar de atividades; e planejamento e organização se apresentam como obstáculos para a independência desses indivíduos.

b) No nível 2, o indivíduo possui déficit na comunicação seja ela verbal ou não verbal e isso ocasiona em forte prejuízo social mesmo com a presença de um apoio, há também certa inflexibilidade no comportamento, além de exibir maneirismos repetitivos que se tornam óbvios para quem observa casualmente, e sofre com a dificuldade em mudar seu foco ou ações.

c) No nível 3, o indivíduo tem grande déficit nas habilidades de comunicação verbal e não verbal que causam grave prejuízos de funcionamento, possui limitação em dar início a interações sociais utilizando abordagens incomuns apenas para satisfazer a necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas. E assim como no nível 2, possui também dificuldade em mudar seu foco e ações; além dos maneirismos repetitivos bastante aparentes.

A pessoa diagnosticada com Transtorno de Espectro Autista, apesar das dificuldades quanto a interação social e no desenvolvimento da linguagem ainda deve ser inserida na sociedade igualmente, principalmente na vida escolar, pois depois da inclusão familiar, a inclusão escolar é o principal meio pelo qual a criança e adolescente com TEA interage, e como Minatel e Matsukura (2015 apud MARTINS; LIMA, 2018, pg. 4-5) afirmam: a inclusão escolar do autista requer mudanças de pensamentos e hábitos, envolvendo coordenadores, funcionários da escola, professores, alunos e família. Assim é relevante realizar modificações que vão além das adaptações curriculares e de horários. As famílias buscam uma instituição que atenda às suas expectativas e que respeite seu filho, realizando a inclusão. Dessa forma, valoriza-se a parceria entre família e escola no processo de escolarização do aluno com TEA, pois esta pode trazer benefícios à criança.

5 TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE

O TDAH é uma alteração de neurodesenvolvimento caracterizada por uma excessiva dificuldade em iniciar, manter e direcionar a atenção durante as atividades do cotidiano. Apesar de a história do TDAH se iniciar no final do século XVIII e as primeiras publicações a respeito do assunto surgirem em 1902, evidências mais sólidas de sua real existência somente apareceram nos anos 1960 e foram enfim comprovadas apenas nos anos 1990 com os avanços da neurociência, da genética, da neuropsicologia e outras áreas do conhecimento científico. Desde os anos 1980 foram criados muitos mitos sobre o TDAH, mitos difundidos a partir das mais diversas organizações, disseminados entre professores de universidades públicas e privadas, médicos e outros profissionais de saúde e, também, entre pessoas da área da educação básica, com respingos persistentes até hoje, muitos deles ainda circulando pelas redes sociais (BRITES, 2021, p. 39-40)

Com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) publicado pela Associação Americana de Psiquiatria em 1968, pela primeira vez o TDAH foi incluído, ainda com o nome Reação Hiperkinética da Infância. A primeira descrição de seus critérios tinha o intuito de organizar melhor a apresentação dos sintomas. Na atualização dos critérios do DSM em 1980, foi dada ênfase ao Transtorno de Déficit de Atenção, ao se denominar a hiperkinesia. Em 1987, enfim o nome mudou para Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade, como hoje o conhecemos, e com a descrição de níveis de intensidade, mas ainda sem os subtipos (BRITES, 2021, p. 55-56).

Apesar da grande gama de estudos sobre TDAH e apesar de esse transtorno estar inserido dentro do DSM desde os anos 60, Mendes (2010, n.p) diz que:

o TDAH tem sido tratado de forma equivocada por muitas pessoas que não acreditam na sua existência, que dizem que é apenas uma invenção farmacêutica para vender remédios, ou ainda, uma desculpa para a falta de limites dos filhos em consequência da incompetência dos pais. Porém, o aluno diagnosticado com TDAH tem direito a um ensino diferenciado que atenda às necessidades educacionais especiais específicas de sua condição.

Esse fator desencadeia uma série de complicações na interação da criança ou adolescente no ambiente escolar. Portanto, os profissionais da educação, incluindo o bibliotecário, devem se atentar ao modo como interagem com os alunos que possuem esse transtorno. Brites (2021) apresenta o fato de que em mais de 55% dos casos, além do déficit de atenção, o TDAH pode apresentar hiperatividade e impulsividade, que serão definidos a seguir:

a) Hiperatividade é o descontrole extremo para manter um comportamento adequado ao se realizar uma tarefa e se expressa por intensa inquietude motora, postura inadequada e com menos equilíbrio em momentos e situações regradas; excessiva exploração, por uma exagerada curiosidade, sem respeitar limites, controles sociais, regras e tempo de espera.

b) Impulsividade é a incapacidade de desacelerar quando isso é necessário para cumprir com zelo e capricho momentos diversos da vida. O impulsivo atropela etapas, confunde-se em seus pensamentos, incomoda com suas falas ora exageradas ora inconvenientes e ora “perdidas”, pois parece que o indivíduo não consegue fazer as coisas no devido tempo acordado, somente no seu (o que muitas vezes será insuficiente ou resultará em fracasso). Costuma responder antes das perguntas terminarem, “atravessa” o comentário dos outros e pode ter muita confusão na hora de decidir melhor sobre o que vai falar, para não humilhar ou aborrecer as pessoas.

Por isso, Brites (2021) destaca que ao instruir uma criança ou adolescente que possui TDAH é ideal fazê-lo em pequenas partes e ao finalizar, deve questionar se a criança compreendeu o que deve ser realizado. Além disso, é importante que a maneira como apresenta as instruções, principalmente se for uma atividade repetitiva, deve-se utilizar meios mais dinâmicos para que a interação seja mais clara e fluida.

6 METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa para este trabalho foi elaborada em duas partes: o campo de pesquisa e a técnica de coleta de dados. Para melhor compreensão do processo, ele será representado abaixo.

6.1 Campo de pesquisa

O campo adotado para a pesquisa foi o bibliográfico e documental, pois foram levantados dados a respeito da Biblioteconomia, da Educação Inclusiva e dos transtornos neurodivergentes explorados no decorrer do trabalho. Para compor a pesquisa foram utilizados livros, artigos científicos e leis, para embasamento na discussão dos principais conceitos utilizados.

6.2 Técnica de coleta de dados

A leitura da bibliografia indicada foi a técnica de coleta de dados utilizada na presente pesquisa e a partir disso foi possível obter um entendimento maior sobre a importância da biblioteca escolar e do papel do bibliotecário assim como o impacto do envolvimento desse profissional na educação inclusiva. Para a busca desta bibliografia, foram utilizados como principais fontes de buscas o Google Acadêmico, base de livros digitais Kindle, a base de dados BRAPCI, o Portal da Capes e o SCIELO, utilizando as palavras-chave “biblioteca escolar”, “o papel do bibliotecário escolar”, “educação inclusiva”, “crianças e adolescentes com TEA”, “crianças e adolescentes com TDAH” e “inclusão na biblioteca escolar”.

7 DESAFIOS DA INCLUSÃO NA BIBLIOTECA ESCOLAR

Quando se fala em inclusão no ambiente de uma biblioteca, não se remete exclusivamente à fatores sociais, econômicos, culturais e tecnológicos, e sim a todos eles juntos. Uma biblioteca escolar inclusiva deverá ser capaz de proporcionar o acesso à informação e o atendimento de todos os alunos, professores e demais usuários, independentemente de cor, situação econômica, classe social, nível de escolaridade, limitações e deficiências (MARCOLINO; CASTRO, 2014, n.p.)

Entretanto há desafios que se apresentam na interação com crianças e adolescentes que estão inseridos dentro de espectros, como o Autismo e, também, com relação aos que estão inseridos dentro de transtornos, como o TDAH. Com relação ao TDAH, por exemplo, Brites (2021, p. 85-86) diz que:

TDAH leva a um desbalanço cognitivo por insuficiência de dopamina (responsável pela sensação de prazer) e, por consequência, incapacidade em conseguir insistir nas tarefas sem recompensa imediata. As pessoas com o transtorno, para perseverarem nas ações típicas do cotidiano – fazer bem-feito e no tempo necessário –, precisam se sentir muito mais recompensadas ao fazê-las. Sem isso, sua atenção vai logo ficar instável e baixar de forma significativa, levando a pessoa a desistir ou a não persistir o bastante.

Além disso, O TDAH possui uma série de consequências que dificultam ainda mais a interação dos profissionais da educação, como, por exemplo, baixo desempenho escolar, dificuldade de memorização, dificuldades de relacionamento, dificuldade na adaptação social, baixa autoestima e deficiências no controle das emoções (MENDES, 2010, n.p.).

Quanto ao TEA, a falta de habilidade social e emocional dos estudantes com espectro autista costuma dificultar a aproximação das pessoas e dificulta-lhes a criação de vínculos com o ambiente e com as pessoas que o cercam. O isolamento que aparenta ser característica dos estudantes com espectro autista é resultado não somente de não saberem aproximar-se de forma espontânea de seus colegas, mas também destes seus colegas de não saberem comportar-se de forma inclusiva (SANTOS; DINIZ, 2018, p. 95).

Santos e Cládice (2018) destacam também que os estudantes com espectro autista, por apresentarem dificuldades na percepção de expressões

faciais diferentes; sensibilidade a ruídos altos; e evitar ou rechaçar o contato visual e físico, requerem pensar-se em uma proposta de trabalho específica; por isso o bibliotecário deve estar atento a comunicação, principalmente a verbal, pois ela deve ser constantemente estimulada.

Outros dois desafios que se apresentam na vida da criança com autismo são o comportamento repetitivo e o interesse restrito, pois como dizem Brites e Brites (2019), “(...) podemos ressaltar a dificuldade em flexibilizar sua atenção de acordo com as pressões ou obrigações de casa, da escola e do convívio com os amigos. E, assim, podemos assistir a explosões de raiva, teimosia agressiva, perda súbita de interesse, abandono do grupo, pouca capacidade de entender novas experiências e desinteresse completo por novos assuntos”.

7.1 Mediação de leitura como método de inclusão

É fundamental tornar o aprendizado agradável para a criança com TEA e assim ajudá-la a identificar os diferentes estímulos a partir das atividades. A variação de tempo de uma atividade e outra dependem de cada autista, alguns têm mais facilidades com determinado conteúdo e outros mais dificuldades e vice-versa. É preciso conhecer o indivíduo que está em sua frente para poder ajudá-lo, iniciar uma investigação para obter resultados favoráveis (FARIA, 2019, pg. 34).

Brites (2021) explica que o TDAH leva a um desbalanço cognitivo por insuficiência de dopamina (responsável pela sensação de prazer) e, por consequência, incapacidade em conseguir insistir nas tarefas sem recompensa imediata. As pessoas com o transtorno, para perseverarem nas ações típicas do cotidiano – fazer bem-feito e no tempo necessário –, precisam se sentir muito mais recompensadas ao fazê-las. Dessa forma é importante que, assim como as aulas na sala de aula precisam ser mais dinâmicas, a hora da mediação de leitura também deve seguir essa linha do modo como Seeman (2003), Akin (2004) e Markey (2015) falam quando enfatizam, para tornar mais atrativo, o uso de recursos como fantoches, recursos visuais, como, figuras, realidade virtual, música, e partir desses recursos pode-se iniciar também a criação da história,

ajudando esse portador de TEA a desenvolver a imaginação e interpretação. (apud FARIA, 2019, p. 34).

Silva (2004) diz que é primordial ressaltar a importância da leitura como um bem social, pois a diversidade da educação especial faz com que os profissionais atuantes desta área, como o contador de histórias, vivam em constante estudo para trabalhar os variados recursos pertinentes à exploração do lúdico.

Domingues (2006) fala sobre a importância das atividades de leitura crianças e jovens, enfatizando nas contribuições relacionadas a estimular no desenvolvimento de aprendizagem, pois essa atividade proporciona atitudes mais expressivas e criativas. E essas ações afetam não apenas os alunos, afetam também os professores, outros profissionais da educação, como os bibliotecários e, também, a família dos alunos de modo muito relevante, pois geram inúmeras reações que modificam a interação social das crianças e jovens, através de uma reação, seja ela um sorriso, uma resposta, ou até mesmo uma agressão que pode, inclusive, identificar-se como uma resposta.

Além disso, a mediação de leitura com crianças e adolescentes que estão inseridos em algum espectro, possibilita, segundo Domingues (2006) a quebra-se barreiras com relação aos preconceitos da sociedade nessas atividades e, também se nota, que apesar dos limites, cada indivíduo em especial é capaz de desenvolver suas potencialidades, bastando para isso ser estimulado.

8 CONCLUSÃO

Essa pesquisa buscou compreender e apresentar o impacto e a importância do papel do bibliotecário e a mediação de leitura nas atividades dentro da biblioteca escolar, voltadas especificamente para o trabalho com os indivíduos portadores de Transtorno do Espectro Autista (TEA) e de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

É possível perceber que apesar de a Biblioteconomia ser uma área multidisciplinar, o conteúdo e o preparo voltado para cenários nos quais a interação com indivíduos neurodivergentes ainda é relativamente pequeno, portanto, a pesquisa apresenta para auxílio dos profissionais um conjunto de informações detalhadas, apesar de condensadas para melhor envolvimento dos mesmos com as crianças e adolescentes que possuam TEA ou TDAH.

Também é possível perceber na pesquisa a dimensão do trabalho do bibliotecário escolar, pois esse profissional atua como agente educador ao transformar a biblioteca escolar em um ambiente no qual os usuários aprendem através das atividades proporcionadas pelo bibliotecário a compreenderem seus papéis na sociedade, independente de possuírem alguma deficiência intelectual. A biblioteca escolar e o bibliotecário escolar são apresentados na pesquisa como de suma importância para que o contato com a literatura seja o melhor possível.

E, apesar dos inúmeros desafios expostos no decorrer dos capítulos apresentados, é possível compreender que a interação social dos usuários com o bibliotecário pode ultrapassar os obstáculos impostos, seja pelos transtornos neurodivergentes ou pelos preconceitos da sociedade, desde que haja um estudo cuidadoso do profissional da informação para que ele se prepare adequadamente de modo que realize uma mediação de leitura e dinâmicas relacionadas a ela baseadas no nível que corresponda a maneira como esses indivíduos interagem com o ambiente, que deve ser preparado com cautela; e também com os outros ao redor.

Por fim, o trabalho mostra que a sociedade precisa de mudanças, principalmente no que remete a inclusão dos indivíduos que possuem deficiências na interação social e de comunicação que são causadas pelos transtornos que as acometem e a biblioteca escolar é esse espaço no qual existe

a possibilidade de o ensino sobre a inclusão e a continuidade das ações referentes a esse fator, tal como o profissional da informação em conjunto com a equipe escolar é um catalisador constante para que a disseminação da informação seja feita de forma justa e direta entre todos os usuários da biblioteca que são, principalmente, as crianças e os adolescentes que estão constantemente em estado de mudança e amadurecimento.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <<http://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>>. Acesso em: 22. abril 2023.
- BARRETO, Aldo. Uma quase história da ciência da informação. **BRAPCI**, v. 9, n. 2, 2008. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/6633>>. Acesso em: 19 dez. 2022.
- BERNARDINO, Maria Cleide; SUAIDEN, Emir Jose. O papel social da biblioteca pública na interação entre informação e conhecimento no contexto da ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 16, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pci/a/59tSQqr4G9TjSBNBGdXnrrv/?lang=pt>>. Acesso em: 08 jan. 2023.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso: 12 out. 2022.
- BRITES, Clay. **Como lidar com mentes a mil por hora**. [s.l.] Editora Gente, 2021.
- BRITES, Luciana; BRITES, Clay. **Mentes únicas**. [s.l.]: Editora Gente, 2019.
- CARDOSO, Maria Rosa. Inclusão de alunos com necessidades educativas especiais no ensino básico. **Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal**, 2011. Disponível em: <<https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/10759>>. Acesso em: 19 dez. 2022.
- CARVALHO, Rosita. Educação inclusiva: do que estamos falando? **Revista Educação Especial**, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4395/2569>>. Acesso em: 11 out. 2022.
- CORRÊA, Elisa Cristina; OLIVEIRA, Carina Costa de; et. al. Bibliotecário escolar: um educador. **Revista ACB**, Santa Catarina, v. 7, n. 1, p. 107-123, 2002. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/379/459>>. Acesso em: 10 out. 2022.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. **Ministério da Educação**, [s.l: s.n.], 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2022.
- DOMINGUES, Fernanda; ALVES, Grasieta; et. al. Atividade de leitura na educação especial: uso da biblioteca escolar e brinquedoteca. **Revista ACB**, v. 11, n. 1, 2006. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/479/612>>. Acesso em: 02 jan. 2023.
- DOURADO, Luiz Fernando; OLIVEIRA, João; SANTOS, Catarina. A qualidade da educação: conceitos e definições. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)**, Brasília, p. 65. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/td/article/view/3848/3539>>. Acesso em: 11 out. 2022.
- FARIAS, Leandra. Bibliotecas e portadores de transtorno do espectro autista: guia prático para acessibilidade. **FURG**, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.furg.br/handle/1/8456>>. Acesso em: 22 dez. 2022.
- GRIESI-OLIVEIRA, Karina; SERTIÉ, Andréa. Autism spectrum disorders: an updated guide for genetic counseling. **Einstein**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 233–238, jun. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/eins/a/YMg4cNph3j7wfttmKzYsst/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 18 dez. 2022.
- IFLA UNESCO. Manifesto ifla/unesco para biblioteca escolar. **IFLA/UNESCO School Library Manifesto**, São Paulo, edição em língua portuguesa, p. 1, 1999. Disponível em: <<https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2022.

- MANTOAN, Maria Teresa; MARTINS, Gabriela. Educação Inclusiva: a moderna educação. **PUC-RS**, [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/ame/educacao-inclusiva/assets/download/livro-offline.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2022.
- MARCOLINO, Maria Antonieta.; CASTRO FILHO, Cláudio. O bibliotecário na biblioteca escolar e os usuários especiais: o desafio da inclusão. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 10, n. Especial, n.p., 2014. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/331>>. Acesso em: 10 out. 2022.
- MARTINS, Crislayne; LIMA, Renata Cristina. Transtorno do espectro autista. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 6, n. 2, 20 abr. 2018. Disponível em: <<http://jornalold.faculdadecienciasdavid.com.br/index.php/RBCV/article/view/605/358>>. Acesso em: 18 dez. 2022
- ONZI, Franciele; GOMES, Roberta. Transtorno do espectro autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. **Revista Caderno Pedagógico**, v. 12, n. 3, 24 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/979/967>>. Acesso em: 13 out. 2022.
- PARANÁ. **Secretaria de Estado da Educação**. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense. Curitiba: SEED/PR, 2010, V.1. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_uem_edfis_artigo_adriana_valeria_fantin_mendes.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2023.
- PONTES, Fernanda; CARVALHO, Frank. O processo de inclusão social através do acesso à leitura. **Scientia Vitae**, v. 7, n. 23, 2019. Disponível em: <<http://www.revistaifpsr.com/v7n23p1-17.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2022.
- ROSA, Sandra. Análise do comportamento aplicada e sua contribuição para a inclusão de crianças com transtorno do espectro autista graus II e III no ensino fundamental I. **Caderno Intersaberes**, v. 11, n. 32, p. 214, 20 maio 2022. Disponível em: <<https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/2177>>. Acesso em: 13 out. 2022.
- SANCHES, Isabel; TEODORO, António. Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos. **Revista Lusófona de Educação**, v. 8, n. 8, 2006. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/691>>. Acesso em: 12 out. 2022.
- SANTOS, Marcos; DINIZ, Cládice. A inclusão dos usuários com transtorno de espectro autista pela prática do letramento informacional na biblioteca escolar. **Revista ACB**, v. 23, n. 1, p. 95, 2018. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1413>>. Acesso em: 18 dez. 2022.
- SILVA, Gláucia. Atividades de leitura para portadores de necessidades especiais. **Revista Eletrônica de Extensão**, v.1, n. 2, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1428>>. Acesso em: 02 jan. 2023.
- SILVA, Rovilson José; BORTOLIN, Sueli. **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: ABECIN, 2018. Disponível em: <<https://portal.abecin.org.br/editora/article/view/212/187>>. Acesso em: 10 out. 2022.